

O TEMPO DA LINGUÍSTICA

The time of linguistics

Marco Antonio Martins*

1. INTRODUÇÃO¹

Talvez não haja nada mais velho na natureza do que o MOVIMENTO
Galileu (em SOBEL, 2000)

Nas palavras de Saussure, “poucos lingüistas percebem que a intervenção do fator tempo é de molde a criar, para a lingüística, dificuldades particulares, e que ela lhes coloca a ciência frente a duas rotas absolutamente divergentes.” (SAUSSURE, [1916] 1970, p. 94, grifo nosso). As “rotas” das quais o mestre de Genebra faz referência são as noções (caras aos postulados da ciência linguística) de diacronia e sincronia. É, já, de conhecimento geral (e generalizado) que a secção saussuriana nos estudos acerca dos fatos da linguagem em duas partes antagônicas elege os estudos dos estados (estáticos) da língua em detrimento daqueles ancorados numa linguística evolutiva.

O que buscaremos neste texto é, a partir da leitura de Saussure e Chomsky, essencialmente, tecer algumas considerações acerca das relações entre os estudos linguísticos (a partir de Saussure) e a tentativa de suspensão da variável *tempo* num modelo teórico de competência linguística, tal como postula o empreendimento da teoria gerativa². Nossa hipótese geral é a de que a tentativa de modelar a competência linguística, a partir das orientações

* Universidade Federal do Rio Grande do Norte.

¹ Este artigo é o resultado de uma das minhas qualificações, necessárias à defesa do projeto de tese, no programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal de Santa Catarina. Agradeço a orientação do professor Dr. Fábio Lopes da Silva, assim como a leitura e as valiosas sugestões dos professores Dra. Roberta Pires de Oliveira e Dr. José Borges Neto. Agradeço, ainda, as sugestões dos pareceristas da revista *Letras*. Indispensável dizer que os erros remanescentes são de minha inteira responsabilidade.

² Definir *tempo* é uma tarefa complicada... Neste artigo, assumiremos uma acepção atrelada à temporalidade cronológica e, ainda, a uma temporalidade concebida como progressão linear entre passado e futuro, depreendida a partir da observação empírica de que as línguas mudam.

da Ciência do século vinte, como se propõe a teoria gerativa, deve se respaldar não em estados estáticos ou em estados evolutivos de uma língua, como nos propõe, respectivamente, a sincronia e a diacronia, mas numa suspensão (metodológica) da variável *tempo*³.

O artigo vem assim dividido: na segunda seção, nos debruçaremos com mais vagar na relação entre a variável *tempo* e a proposta saussuriana de delimitação do objeto de estudo da linguística. Na terceira seção, buscaremos correlacionar a (tentativa) de suspensão da variável *tempo* à noção de hierarquia proposta pelo empreendimento da teoria gerativa na busca de formalização de um modelo de competência linguística. Sumaremos nossa discussão na quarta e última seção.

2. O TEMPO EM SAUSSURE E A CIÊNCIA LINGUÍSTICA

A linguística que antecede o estruturalismo saussuriano, até certo ponto, era fundamentalmente uma linguística histórica, e, nesse sentido, uma disciplina atrelada a outras disciplinas de cunho social, histórico e cultural⁴. O que Saussure fez em seu curso de linguística geral foi romper a relação entre os estudos históricos associados à temporalidade cronológica e o foco de interesse dos estudos acerca dos fatos da linguagem. Estabeleceu-se, pois, a possibilidade de se pensar a linguística como uma ciência autônoma cujo objeto de estudo – a língua – pode ser pensado como uma estrutura singular em si e por si⁵. Este rompimento será mais tarde peça essencial para o empreendimento da teoria gerativa. Definir, num primeiro momento, o objeto de estudo da linguística é, no entanto, uma tarefa bastante difícil. Saussure aponta para uma definição de língua ancorada na observação e descrição dos estados sincrônicos.

³ Esclareço, de antemão, que as concepções de tempo extraídas de Saussure e Chomsky são diferentes. Em Saussure, o tempo é derivado da linearidade interpretada posteriormente às operações gramaticais; em Chomsky, a concepção de tempo aqui discutida se refere ao tempo da derivação sintática. O ponto central de discussão que aqui interessa particularmente é o fato de que tanto no estruturalismo saussuriano quanto no gerativismo chomskiano a “suspensão” da variável tempo é um requisito necessário para a afirmação dos modelos teóricos propostos por essas duas correntes que marcaram a linguística no século XX.

⁴ Não é de interesse para a discussão que segue uma revisão dessas teorias, para maiores detalhes acerca de tal ponto remeto a Faraco (2004).

⁵ Muito embora o movimento dos neogramáticos focalizasse em seus estudos, já, antes dos postulados saussurianos, “historicamente” a linguagem como um objeto autônomo (e agradeço à Roberta Pires de Oliveira por essa lembrança), é em Saussure que a linguística começa a ser pensada, também, como uma ciência natural para além de uma ciência eminentemente social. Em relação aos estudos dos neogramáticos, nas palavras de Faraco (2004, p. 35, grifo nosso), “temos aqui uma perspectiva diferente para os *estudos históricos*: trata-se antes de criar uma teoria da mudança do que apenas arrolar correspondências sistemáticas entre línguas e, a partir delas, reconstruir o passado”. É esse ponto que gostaria de reter neste artigo: a possibilidade de se moldar a partir do “corte saussuriano” um modelo (formal... abstrato... matemático...) de competência do saber linguístico, que, de certo modo, necessitará da suspensão (metodológica) da variável tempo cronológico.

Na proposta de Saussure, se o tempo é de modo a “criar dificuldades particulares para a linguística”, então, uma linguística que vise ao estatuto de Ciência deve antes se desfazer da noção de tempo em detrimento de um aparato teórico que dissocie a análise do objeto de estudo do seu uso, efetivamente. Um caminho provável para esse itinerário é a suspensão metodológica da noção de *tempo*, a fim de se pensar a estrutura da língua como um modelo abstrato de Competência do saber linguístico. Eis o nascimento da linguística moderna.

É importante salientar que antes de assumir o *corte saussuriano* entre diacronia e sincronia nos estudos linguísticos, a Ciência linguística precisa absorver a cisão entre *Langue e Parole* e suspender desse modo o seu objeto de estudo – a *Langue* – de modo que a Língua (como sistema autônomo) possa ser observada, descrita e (acima de tudo) teorizada independentemente da sua realidade histórica, e mesmo da sua temporalidade cronológica.

No entanto, entre muitas das dicotomias apresentadas no curso, Saussure nos apresenta uma sincronia que, de certo modo, está, ainda, emaranhada à variável *tempo*. Numa primeira leitura, o que o autor busca é uma sincronia que transcenda a dimensão temporal, no sentido de que na secção entre os estados sincrônicos e os estados evolutivos, a noção de *tempo* seja abandonada. Nessa perspectiva, o foco de análise seria a estrutura linguística mesmo quando o mestre de Genebra nos propõe que a preocupação dos estudos acerca dos fatos da linguagem deveria ser com os estados sincrônicos do sistema. Nesse sentido, a língua é um sistema e conhecer a sua estrutura deveria ser o principal interesse dos linguistas.

Nas palavras de Saussure,

com efeito, toda projeção depende diretamente do corpo projetado e, contudo, dele difere, é uma coisa à parte. Sem isso não haveria uma ciência das projeções; bastaria considerar os corpos em si mesmos. Em lingüística, existe a mesma relação entre a realidade histórica e um estado de língua, que é como a sua projeção num momento dado. Não é estudando os corpos, isto é, os acontecimentos diacrônicos, que se conhecerão os estados sincrônicos, do mesmo modo porque não se terá noção das projeções geométricas por ter-se estudado, ainda que de muito perto, as diversas espécies de corpos (SAUSSURE, [1916] 1970, p. 103, grifos nossos).

De acordo com Saussure, não é o “corpo” em si e por si que deve ser o objeto de estudo da linguística, mas sim as possíveis *projeções* que eles podem assumir; ou seja, o objeto de estudo dos linguistas deveria ser a projeção dos “corpos” em si e por si, enquanto uma estrutura imanente. Dessa maneira, num estudo linguístico não se deve apreender a estrutura dos “corpos” em si, mas a estrutura de um estado de língua, ou a estrutura

das projeções que estes “corpos” possuem (ou assumem na relação como os demais corpos) no sistema, cuja identidade é evidenciada sempre pela oposição. Entendemos com Saussure que as projeções de um corpo são as relações (de oposição) entre as unidades linguísticas dentro de um espaço (de)limitado pelo fator *tempo*, cuja influência, no entanto, não deve ser considerada.

Todavia, o rompimento entre o fazer da Ciência linguística e a diacronia, idealizado pelo pensamento saussuriano, não significa necessariamente (e predominantemente) a ausência total do fator *tempo* no objeto de estudo da linguística, uma vez que, segundo o próprio Saussure, há diacronia dentro da sincronia. Expliquemos. Nas palavras do autor, “na prática, um estado de língua não é um ponto, mas um espaço de tempo, mais ou menos longo, durante o qual a soma de modificações ocorridas é mínima” (SAUSSURE, [1916] 1970, p. 117-118). Dito de outro modo, é necessário reconhecer (e eis uma das famigeradas dicotomias saussurianas) que mesmo dentro de um estado de língua (i.e. da sincronia) o fator *tempo* não é, ainda, totalmente desconsiderado. Ou seja, a diacronia parece se sobrepor num estudo sincrônico de um recorte do sistema linguístico.

No capítulo *A natureza do signo lingüístico* do seu curso, Saussure propõe dois Princípios fundamentais em relação às características primordiais do signo linguístico⁶: o Princípio da Arbitrariedade e o Princípio do caráter linear do significante. Para além dos constantes avanços e recuos do autor em relação às ideias apresentadas no curso, e das implicações do Princípio da arbitrariedade⁷, gostaríamos aqui de nos debruçar com mais vagar no segundo Princípio apresentado, qual seja, o Princípio da linearidade do significante a que se refere o mestre de Genebra.

Segundo Saussure,

O significante, sendo de natureza auditiva, desenvolve-se no tempo, unicamente, e tem as características que toma do tempo: a) representa uma extensão, e b) essa extensão é mensurável numa só dimensão: é uma linha (SAUSSURE, [1916] 1970, p. 84, grifos no original).

Pois bem. Saussure reconhece que um dos elementos constitutivos e essenciais às “unidades concretas da língua” (i.e., aos signos linguísticos), o significante, está, necessariamente, atrelado ao Princípio da linearidade, e, conseqüentemente, ao fator *tempo*. Em outras palavras, diz o autor que, em algum momento do *fazer* linguístico, o significante (pensado aqui em relação, de oposição, essencialmente, aos demais constituintes) precisa entrar

⁶ O uso de letra maiúscula para me referir aos Princípios propostos por Saussure é uma referência direta ao que vem a ser, posteriormente, os Princípios chomskyanos.

⁷ Para uma discussão relevante acerca do Princípio da arbitrariedade saussuriano, em específico, remeto a Lopes da Silva (2002).

numa relação direta com o fator *tempo*; ou seja, precisa assumir uma determinada posição linear em função do tempo. Não nos iludamos, no entanto, com o grau de importância de tal Princípio na proposta de Saussure, pois, muito embora para o próprio autor “todo o mecanismo da língua depend[am] dele” (SAUSSURE, [1916] 1970, p. 84), a linearidade dos elementos é sempre *posterior* à relação de “associação” do significante e do significado. É, pois, no terreno limítrofe onde os elementos das duas ordens se combinam que a linguística trabalha (ou deveria trabalhar), e, o que é essencial em sua proposta, é essa combinação que produz uma *forma*, e não uma *substância*.

Saussure até reconhece que o significante é em algum momento linearizado; todavia, tal processo é *sempre posterior* à arquitetura/estruturação da gramática da própria língua. Valendo-nos da imagem proposta por Uriagereka (1995, 1997 *apud* LOPES, 2000, p. 52), como um móvel cuja arquitetura de “fabricação” (e, conseqüentemente, de disponibilização dos elementos em específico) independe da ordem linear, quando colocado sobre uma superfície qualquer, ou no caso dos objetos sintáticos quando submetidos aos (inúmeros... intrínsecos...) problemas oriundos do fator *tempo*, a linearidade do significante é sempre posterior às relações (im)postas pela arquitetura do sistema⁸.

E o mosaico de um objeto autônomo e passível de definição *em si e por si* vai se desenhando na linguística do século vinte. Por ora, trata-se de um objeto apreendido de uma sincronia revestida de diacronia, ou, de uma análise cujas intermitências do fator *tempo* não são de todo “suspensas”. Assim, como buscamos argumentar nesta seção, o movimento realizado por Saussure, a favor dos estudos sincrônicos, permanece, ainda, envolto nas brumas da diacronia, quase sempre atrelado à temporalidade cronológica, ou à correlação desta com os efeitos da linearidade das estruturas sintáticas.

3. *RELAÇÕES LOCAIS E MOVIMENTO DE CONSTITUINTES: “CORPOS” QUE SE ATRAEM A DISTÂNCIA*

Na busca de um aparato teórico capaz de descrever e, acima de tudo, explicar o que garante a (a)gramaticalidade das sentenças de uma língua (i.e. na busca de um modelo teórico que olhe para os fatos das línguas naturais sob as lentes da Ciência do século vinte), Chomsky (1957) descarta as definições ancoradas em noções “dotadas de sentido” ou “significativas” e em noções estatísticas. Este é um passo basilar do que vem a ser o empreendimento da teoria gerativa, no sentido de que se propõe um

⁸ É importante salientar que estamos nos referindo à linearização apreendida a partir da dimensão temporal; ou seja, da sucessão linear dos constituintes numa derivação sintática qualquer. Pois, retomando as palavras de Saussure, “o significante desenvolve-se no tempo e tem as características que toma do tempo”, e por isso representa uma extensão mensurável linearmente. Nesse sentido, equacionamos *tempo* à linearidade.

movimento em direção a uma análise descritiva e, sobretudo, *explicativa* da estrutura linguística desvinculada de noções semânticas (sem falar das pragmáticas, discursivas etc.) e, efetivamente, daquelas vinculadas ao uso (i.e. atreladas ao Princípio de Linearidade).

Um segundo passo no desenvolvimento da teoria gerativa no que tange à adequação, essencialmente, explicativa do modelo proposto está (diretamente) atrelado à teoria de Princípios e Parâmetros. Neste momento, desenha-se no gerativismo uma mudança conceitual, diria, do que vem a ser a arquitetura da gramática das línguas naturais. De um conjunto de regras, posteriormente sujeitas a transformações, a arquitetura da gramática passa a ser entendida como um conjunto de Princípios universais (invariáveis), geneticamente determinados, e de Parâmetros a partir dos quais se busca dar conta das variações (intra/extra) linguísticas das línguas particulares.

Nesse percurso, na busca de num modelo formal de representação do saber que o falante tem e que lhe permite usar um dado sistema linguístico, a noção de *hierarquia* toma o lugar de questões sobre a disponibilização (i.e. linearização) dos constituintes de uma estrutura sintática numa determinada sentença, pensada aqui como objeto derivado de uma gramática com Princípios & Parâmetros. Desse modo, as relações sintáticas se dão (ou não) a partir de propriedades hierárquicas dos elementos, ou itens lexicais, envolvidos na formação de constituintes; ou seja, busca-se um modelo formal de competência no qual o fator *tempo [cronológico]* é uma variável que não pode ser considerada, pelo menos, no percurso da derivação no sistema computacional⁹.

Ao longo da segunda metade do século vinte, diferentes modelos acerca da arquitetura da gramática foram formalizados no âmbito da teoria gerativa, todavia, alguns pressupostos (diria, basilares do empreendimento da teoria) permaneceram inalterados, dentre eles o de que a língua é essencialmente humana e inata aos indivíduos da espécie. Nessa perspectiva (e seguindo, agora, o modelo teórico proposto pelo Programa Minimalista (PM), cf. CHOMSKY, 1995, 1998), há um sistema modular responsável pela Faculdade da Linguagem (FL), cuja Gramática Universal (GU) é entendida como uma teoria do estado inicial do processo de formatação de uma gramática possível e “gerável” por FL. A FL é entendida (metaforicamente) pela teoria como um órgão, e por isso biológico, que é independente dos sistemas Articulatório-Perceptual (A-P) e Conceitual-Intensional (C-I), com os quais faz interface. A FL obedece, no entanto, às limitações e às condições impostas por esses sistemas de interface. Para que se obtenham sentenças ótimas convergentes (i.e. interpretáveis pelos sistemas de interface), o sistema computacional deve gerar estruturas que esses sistemas “externos” consigam

⁹ Obviamente a noção de *tempo* como sucessão linear, atrelado a uma temporalidade cronológica, portanto, não é a única válida na linguística formal – ou ainda em qualquer empreendimento científico. Não abordaremos essa questão aqui, mas, de acordo com Pires de Oliveira (conversa pessoal) há, em particular, a noção de tempo lógico que parece ser necessário ao empreendimento gerativo.

“ler”¹⁰. A gramática de uma língua, sob esse ponto de vista, pensada como um estágio da FL, é um sistema discreto altamente articulado, através do qual, a partir de determinadas unidades da língua (os átomos linguísticos), uma infinidade de estruturas são geradas¹¹.

Para Lightfoot (1999, p. 18), “there is an individual entity which develops in a person’s mind/brain, which embodies the system of linguistic knowledge that a person has; we call these entities grammars”¹². Em outras palavras, um dos pressupostos basilares da teoria gerativa é o de que uma língua particular L é um estágio determinado da FL. Entende-se aqui que L, como um determinado estágio de FL, *está* (como um órgão físico e biológico) no cérebro/mente de cada indivíduo, e que, portanto, não pode ser entendida como uma estrutura que paira no mundo à mercê da variável *tempo cronológico*¹³. A partir desse quadro, diríamos que a tarefa do linguista é deslindar as propriedades da arquitetura da FL, apreendidas a partir dos seus diferentes estágios (i.e. das diferentes línguas L) a fim de descrever e, acima de tudo, explicar os mecanismos/operações de funcionamento do sistema. Esses mecanismos, por sua vez, serão apreendidos, apenas, por meio da observação e análise dos processos de aquisição, processamento e mudança das diversas línguas naturais.

É importante notar que a gramática presente no cérebro/mente dos falantes não é isolada da variável *tempo*, na medida em que ela *se desenvolve* nos indivíduos (no processo de aquisição). Para o empreendimento gerativista, interessa a formalização de um aparato teórico que modele a competência linguística de um falante e que represente as propriedades “universais” – a gramática – compartilhadas pelas línguas naturais, entendidas como a evolução do estado inicial da FL. Há, portanto, um tempo no gerativismo. Esse tempo pode ser concebido, no entanto, como um processo (de desenvolvimento) “que se dá à percepção de forma suficientemente descontínua” (LOPES, 2000, p. 57) entre um estado e outro (a partir daquele inicialmente inato, a GU) na diferenciação das línguas (dialetos etc., até chegarmos aos idioletos). Sob esse aspecto, na formalização de um modelo

¹⁰ No quadro teórico aqui assumido, os Itens Lexicais IL são inseridos na sintaxe com feixes de traços interpretáveis que são, de algum modo, legíveis pelos sistemas de interface A-P e C-I (tais como traços fonológicos, por exemplo, interpretáveis em PF, traços semânticos interpretáveis em LF) e de traços não interpretáveis, também denominados traços formais, quais são, *traços-Ô* (interpretáveis em nomes e não interpretáveis em verbos ou adjetivos/participios) e traço de Caso. O papel do Sistema Computacional é saturar (valorar) os traços formais dos IL para que no rol das estruturas derivadas obtenham-se sentenças ótimas convergentes que satisfaçam, ainda, a algumas condições de economia. A derivação de objetos sintáticos é, nesse sentido, guiada por Princípios Gerais, tais como Economia, por exemplo, impostos pela arquitetura da FL.

¹¹ Para uma discussão mais detalhada acerca da concepção de Língua no quadro da teoria gerativa, sobretudo no âmbito do PM, remeto a Lopes (1999) [capítulo 4].

¹² “Há uma entidade individual que se desenvolve na mente/cérebro das pessoas que incorpora o sistema de conhecimento linguístico que uma pessoa tem; nós chamamos estas entidades de gramática” (Tradução minha).

¹³ Novamente quando isolamos a língua numa estrutura que está no cérebro/mente dos falantes estamos dissecando o sistema de uma temporalidade cronológica atrelada a aspectos históricos, sociais e culturais do meio no qual este sistema está inserido.

teórico de análise a variável *tempo cronológico* aparece claramente suspensa.

De acordo com Hauser, Chomsky e Fitch (2002), o aparato fisiológico, ou suporte biológico da FL é, de certa forma, compartilhado com outros animais. Devendo-se entender aqui, a FL sob dois sentidos: um sistema amplo que “olha” para a linguagem como um sistema de comunicação, e que inclui o sistema computacional e os sistemas de interface A-P e C-I; e um sistema restrito que inclui apenas o mecanismo computacional do sistema altamente limitado e restritivo¹⁴. Segundo esses autores, a FL restrita é uma dotação genética humana que, por meio de evoluções de determinados elementos, se distanciou da FL em seu sentido amplo, compartilhada com os demais animais.

Segundo os pressupostos da teoria gerativa, o que uma criança aprende quando adquire uma determinada língua não é a língua(gem) em absoluto, como uma propriedade de algum organismo social, de uma comunidade, cultura ou nação. A aprendizagem é uma realização, no sentido de que, independentemente de desenvolver uma dada língua, a criança já possui um caminho, que é “the initial state of cognitive system of the language faculty with options specified” (CHOMSKY, 1995, p. 219)¹⁵.

Sumarizando o foi discutido até aqui, para focarmos o ponto central deste artigo, qual seja a questão da suspensão metodológica da variável tempo [cronológico] na Ciência linguística, o modelo chomskyano é, nesse sentido, racionalista, admitindo a existência de um órgão responsável pela faculdade humana da linguagem, sendo que esta faculdade é modular e independente dos outros sistemas cognitivos. Muito embora faça interface com outros sistemas, ela se constitui como um sistema à parte, e, por esse motivo, modular¹⁶.

Voltando à Saussure, diríamos que se o linguista de Genebra abraça, no início do século XX, a proposta de uma linguística sincrônica, sem, no entanto, suspender por completo a *tempo*, essa é, todavia, uma noção que não coaduna com o empreendimento da teoria gerativa (nos seus diferentes modelos propostos). Então vejamos.

Todo falante nativo do Português, por exemplo, reconhece a relação entre o elemento *o que* e o verbo finito *comprou*, assim como a possibilidade de interpretação deste elemento deslocado (ou movido), numa estrutura como (i), a seguir. Ou seja, interpreta-se um elemento numa determinada posição *linear* como um elemento vinculado *hierarquicamente* (neste caso na função

¹⁴ A FL restrita é altamente limitada porque opera com unidades discretas (fonemas/morfemas) que, a partir do mecanismo da recursividade, podem derivar uma infinita gama de estruturas; é altamente restritiva porque somente lida com unidades linguísticas que possam ser lidas/interpretadas pelos sistemas de interface A-P e C-I.

¹⁵ “[...] é o estágio inicial do sistema cognitivo da Faculdade da Linguagem com opções especificadas” (Tradução minha).

¹⁶ De acordo com Lorenzo e Longa (2003, p. 646), “the Minimalist Program (MP) is an optimal framework for clarification of all these questions. A biological interpretation of the MP points to the conclusion that a minimum of specifically linguistic genetic codification can suffice for the development of a robust, complex and richly articulate faculty of language”.

de argumento interno – ou complemento – do verbo *comprar*) a um elemento na estrutura cuja posição linear não é, por assim dizer, de proximidade. Expliquemos o ponto apresentando alguns passos relevantes na derivação da sentença¹⁷.

- (i) *O que o João disse que a Maria falou que a Rita comprou \varnothing quê?*

Ao item lexical interrogativo *o que*, que é concatenado ao verbo *comprou* como primeiro *merge*¹⁸; é, então, configuracionalmente atribuído o papel temático de tema, ou, mais especificamente “o da coisa comprada” de acordo com a grade temática do verbo *comprar*. Por algum motivo, como, por exemplo, o fato de o Português do Brasil (PB) apresentar um traço interrogativo forte em \bar{c} ¹⁹, num outro passo da derivação, há o alçamento do item lexical *o que* para a posição de especificador do último \bar{c} concatenado. Tal derivação é possível em uma estrutura como (i) na gramática de uma língua como o PB, e interpreta-se o item lexical interrogativo *o que* numa posição distinta daquela em que se deu (hierarquicamente) o seu primeiro *merge*.

Numa estrutura como (ii), por sua vez, tal movimento não é possível. O elemento *o que*, que faz seu primeiro *merge* com o verbo finito *comprou*, não pode ser movido para o último \bar{c} concatenado na derivação. A agramaticalidade da estrutura se desfaz quando o complemento do verbo permanece *in situ*, conforme (iii). Por quais motivos o movimento do item lexical *o que* é permitido em (i) e barrado em (ii)? Quais as propriedades de uma gramática que permite ou barra determinadas operações, como as de movimento de constituintes, por exemplo? São esses os questionamentos que nortearam (e ainda norteiam), a partir de um determinado momento, o percurso da teoria gerativa na busca de *explicações* acerca do funcionamento da FL, através, essencialmente, da observação das línguas particulares, pensadas como estágios de FL, num uso técnico do termo (cf. CHOMSKY, 2005, p. 2).

- (ii) * *O que o João disse que a Maria falou besteiras quando a Rita comprou \varnothing quê?*²⁰
 (iii) *O João disse que a Maria falou besteiras quando a Rita comprou o quê?*

¹⁷ Para a análise ora apresentada, nos valem do aparato teórico proposto pelo Programa Minimalista (cf. CHOMSKY, 1998; 1999, mais especificamente).

¹⁸ Merge (concatenar) é a operação mais elementar do componente sintático.

¹⁹ \bar{c} é uma categoria funcional responsável, por exemplo, por informações tais como a de que uma dada sentença é declarativa ou interrogativa.

²⁰ A constatação descritiva de que um elemento não pode ser extraído de uma ilha (em outras palavras, de um adjunto) parece se aplicar as todas as línguas naturais. A partir dessa constatação empírica, eminentemente, a teoria busca os porquês de tais restrições, de modo que as respostas parecem modelar o funcionamento da mente humana, no que se refere à Faculdade da Linguagem.

Todas as restrições acerca do funcionamento das regras transformacionais elencadas por Chomsky (1973), buscando uma adequação explicativa para o modelo proposto pela teoria gerativa, contribuem significativamente para que, mais em específico no texto de (1977), seja formulado um Princípio geral que governa o funcionamento da gramática das línguas naturais: o movimento de constituintes (Movimento A e Movimento A-barra). Nesse quadro, e sob o escopo do PM, são as operações relacionadas ao movimento de constituintes e às especificidades morfológicas das línguas naturais os fatores que desencadeiam “imperfeições” a partir das quais a FL tem que responder de maneira otimizada. Todo o empreendimento da teoria gerativa, mais especificamente, do PM, busca averiguar “o quão perfeita” é a FL, considerando aspectos como economia, simplicidade, simetria e não redundância, no sentido de que ela deve responder às imperfeições impostas pelos sistemas com os quais faz interface, tendo em vista as imperfeições impostas por estes sistemas²¹.

Nesse sentido, numa dada derivação, o sistema computacional se valerá da relação hierárquica entre os elementos para a formação de um constituinte sintático em detrimento da posição linear (i.e. das influências do fator *tempo*) que os elementos envolvidos assumirão quando a estrutura for efetivamente pronunciada. *No espaço derivacional não há tempo, há hierarquia*^{22/23}. Numa sentença como (iv), a seguir, em que há a presença de um constituinte adjunto, *ao mesmo tempo* em que há a concatenação de *o que* ao verbo *comprou* e, conseqüentemente, a projeção de um rótulo [*comprou o que*], assim como as demais operações envolvendo os elementos lexicais e/ou funcionais da estrutura principal, há a formação (i.e. a concatenação) do constituinte adjunto [*quando a Rita comprou o penal*]. Em outras palavras, a posição linear do adjunto na estrutura é assegurada por relações hierárquicas que não levam em conta o *tempo Real [cronológico]* em que tal constituinte foi derivado no sistema computacional.

- (iv) *O que o João disse que a Maria falou ~~o que~~ quando a Rita comprou o penal?*

²¹ Em relação ao movimento sintático, Hornstein, Nunes e Grohmann, HNG (2005, p. 276) levantam a seguinte questão: *por que as línguas naturais apresentam movimento?* Os autores aventam a hipótese de que, dentro de uma nova concepção da FL, proposta pelo PM, o movimento sintático existe porque é, de alguma maneira, requerido pelos sistemas de interface.

²² No espaço derivacional não há sequer a noção de espaço, mas essa é uma outra história que envolveria o *Espaço da linguística...* Sobre essa questão no fazer científico, pensemos nas palavras de Casini (1995, p. 47-8), se referindo à trajetória de Newton e a consciência europeia, “Newton e os seus mais fiéis discípulos ingleses estavam convencidos de que o tempo e o espaço “matemáticos” não eram postulados que implicassem uma outra ciência metafísica, e sim inferências extraíveis dos fenômenos por via indutiva. Como a queda dos graves pressupõe uma força de atração e os movimentos curvilíneos remetem ao conceito de movimento retilíneo uniforme, assim também o tempo e o espaço “vulgares” remetem às suas puras dimensões matemáticas”.

²³ Muito embora a hierarquia pressuposta pelo sistema computacional suponha um tempo, de processamento e de construção de uma dada estrutura, tal entidade está bastante distante da noção *de tempo cronológico*.

Enfim e ao cabo, assim como a teoria da gravidade de Newton que preconiza a atração entre corpos que, efetivamente, não se tocam a partir de uma lei física, na arquitetura da gramática das línguas naturais parece haver uma força que envolve os “corpos” (os átomos linguísticos) que podem (ou não) “se atrair”, guiados por relações locais na sintaxe e propriedades hierárquicas, possibilitando (ou não) movimento sintático. Nesse jogo de relações hierárquicas, a variável *tempo [cronológico]* parece, de fato, estar suspensa na busca de uma adequação descritiva e, predominantemente, explicativa de um sistema que une som e significado e que satisfaz determinadas restrições cuja descoberta cabe ao linguística através da análise dos fatos, a partir de uma empiria pobre e truncada.

De acordo com Lopes da Silva (2004),

ao propor o conceito (depois modificado e renomeado) de transformação, Chomsky vislumbrou justamente uma sintaxe cujo funcionamento ultrapassa as relações de contigüidade da sentença. Com isso, deixava para trás a, por assim dizer, “mecânica dos contatos” que regia a análise em constituintes imediatos praticada pelo estruturalismo americano (LOPES DA SILVA, 2004, p. 3).

O conceito modificado e renomeado do qual Lopes da Silva faz referência é a noção de movimento sintático, um construto teórico caro aos postulados da teoria gerativa. O movimento sintático está atrelado, fundamentalmente, como já dissemos, à noção de hierarquia imposta pela arquitetura da Faculdade da Linguagem. Dito de outra maneira, no curso de uma derivação sintática, e por conseguinte, da possibilidade de o sistema mover (ou não) um determinado elemento, parece não haver, de fato, a interferência da variável *tempo cronológico* ou das contingências da posição linear de tais elementos, mas sim da noção de hierarquia imposta por Princípios da FL.

Diríamos, então, que a suspensão do *tempo* é, por assim dizer, um fator essencial para que a “mecânica dos contatos” na Ciência linguística²⁴ fosse “deixada para trás” em prol de um poder explicativo do funcionamento da gramática, ou, em outras palavras, em busca de uma tecnologia que acomode os fatos (empiricamente) e que tenha profundidade (de um modelo formal abstrato) para lidar com o que se acredita que seja a arquitetura da FL.

Com as asserções até então desenvolvidas buscamos evidenciar que no âmbito da teoria gerativa a variável *tempo* está, de fato, suspensa do fazer Científico da linguística, entendida como uma ciência natural. Esse não é, todavia, o fim da história do tempo. Lopes (2000) apresenta uma

²⁴ Sobre a “mecânica dos contatos” e sobre a ideia, anterior à revolução científica moderna, de que o mundo era uma grande máquina, remeto à discussão desenvolvida por Chomsky em *Linguistics and Brain Science* (CHOMSKY, 1999).

discussão acerca da (possível... idealizada...) suspensão da variável *tempo* proposta pela teoria gerativa e os estudos em aquisição de línguas naturais. Segundo a autora, [Chomsky] “deixa de incorporar uma categoria que não pode fazer parte do modelo” (LOPES DA SILVA, 2004, p. 53).

Muito embora a conclusão de Lopes (2004, p. 57) pareça apontar para “um tempo que se dá à percepção de forma suficientemente descontínua”, como já referido, e que, portanto, uma teoria que busque moldar a competência linguística dever operar no *terreno limítrofe* entre projeções a projeções (para retomar Saussure), a questão do tempo permanece, ainda, no fazer da linguística, essencialmente quando considerados os fatos empíricos, a partir dos quais possíveis idealizações acerca da arquitetura da gramática das línguas naturais são formalizadas.

4. SUMARIZANDO: O TEMPO DE UMA LINGUÍSTICA SEM TEMPO

De acordo com Chomsky (1999, p. 106), Newton foi condenado por (re)introduzir *qualidades ocultas*, que não são tão diferentes frente aos mistérios da física neoescolástica aristotélica, nas ciências naturais. No entanto, “o absurdo era real” e foi simplesmente aceito perante a comunidade científica. De um modo similar, o modelo formal de um sistema linguístico idealizado (enquanto objeto imanente e, portanto, passível de definição em si e por si), como o proposto pela teoria gerativa, com base num falante/ouvinte ideal, possui propriedades abstratas, mas, nem por isso falsas. Mesmo porque, de certo modo, toda abstração é uma necessidade perante as generalizações dos estudos científicos.

O que buscamos aqui foi remontar, a partir da leitura de Saussure e Chomsky essencialmente, a trajetória da questão (i.e. da suspensão) da variável *tempo [cronológico]*, assim como a sua influência na delimitação e definição do objeto de estudo da Ciência linguística no século vinte e no próprio fazer da linguística (enquanto busca de um aparato teórico mais capaz de descrição e explicação da arquitetura da gramática das línguas naturais). De acordo com as nossas asserções, Saussure desvela em seu curso uma pequena fenda de luz no que vem a ser o foco de análise dos estudos linguísticos quando desloca a atenção para os estudos sincrônicos, sem, no entanto, sair do emaranhado inerente à variável *tempo*. É, todavia, na proposta da teoria gerativa que se formaliza um modelo de Competência, cuja influência de uma temporalidade cronológica é, aparentemente, suspensa do “funcionamento” da arquitetura das línguas naturais. Nesse modelo, a noção de *hierarquia*, que, por exemplo, permite (ou não) movimento sintático na gramática de um língua particular, é central na formalização das propriedades estruturais da arquitetura da FL das diversas línguas naturais.

Dessa forma, as peças do mosaico que compõem o objeto de estudos da linguística (assim como a própria linguística como Ciência...) parecem se encaixar (às vezes, sob alguma pressão) no fazer científico dos estudos

lingüísticos. E, assim, numa linguística sem tempo se busca fazer o tempo da linguística...

RESUMO

Um modelo formal de competência linguística, como o proposto pelo empreendimento da Teoria Gerativa, perpassa por “dificuldades particulares criadas pela intervenção do fator tempo”. Defendemos neste artigo que a busca por um aparato teórico descritivo e, sobretudo, explicativo da arquitetura da gramática das línguas naturais deve se respaldar não em estados estáticos ou evolutivos de uma língua L, como nos propõe, respectivamente, a sincronia e a diacronia, mas numa suspensão (metodológica) da variável tempo [cronológico].
Palavras-chave: *minimalismo; tempo [cronológico]; hierarquia.*

ABSTRACT

In one way or another, the quest for a formal model of linguistic competence in the enterprise of the generative theory has always run into the “interventions of the time factor”. We aim, in this work, to correlate the attempt to abandon the notion of [chronological] time, in the realm of linguistics as a natural science, with the notion of hierarchy within the physiological apparatus of the grammar architecture of particular languages.
Keywords: *minimalism; [chronological] time; hierarchy.*

REFERÊNCIAS

- CASINI, Paolo. *Newton e a consciência européia*. Tradução de: Roberto Leal Ferreira. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1995.
- CHOMSKY, Noam. Three factors in language Design. *Linguistic Inquiry*, v. 36, n. 1, p.1-22, 2005.
- _____. Conditions on transformations. In: ANDERSON, S. R.; KIPARSHY, P. (Eds.). *A festschrift for Morris Halle, Holt, Rinehart and Winston*. New York, 1973, p. 232-86.
- _____. *Linguistics and Brain science*. University of Maryland. Working Paper en linguistics, v.8, p.104-117, 1999.
- _____. *Minimalist inquiries*. Cambridge, Mass: MIT Working Papers, 1998.

- _____. *The minimalist program*. Cambridge, Mass: MIT Press, 1995.
- _____. On Wh-Movement. In: CULICOVER, P.W.; WASOW, T.; AKMAJIAN, A. (Eds.). *Formal Syntax*. New York: Academic Press, 1977, p.71-132.
- _____. *Syntactic Structures*. The Hague: Mouton, 1957.
- FARACO, Carlos Alberto. Estudos pré-saussurianos. In: MUSSALIN, F.; BENTES, A. C. *Introdução à lingüística – fundamentos epistemológicos*. São Paulo: Cortez, 2004. v. 3. p. 27-52.
- HAUSER, Marc D.; CHOMSKY, Noam; FITCH, W. Tecumseh The faculty of Language: What is it, Who has it, and How did it evolve? *Science*, v. 292, 2002.
- HORNSTEIN, Norbert; NUNES, Jairo; GROHMANN, Kleanthes K. *Understanding Minimalism*. Cambridge, 2005.
- LIGHTFOOT, David W. *The development of language: acquisition, change, and evolution*. Blackwell Publishers, 1999.
- LOPES DA SILVA, Fábio. A arbitrariedade que não se encontra. *Letras*. Curitiba: UFPR, 2002.
- _____. A gravidade da Lingüística: Relações Possíveis entre Newton, Saussure e Chomsky. *Anais do V Encontro do CELSUL*, 2004.
- LOPES, Ruth E. Vasconcellos. *Uma proposta minimalista para o processo de aquisição da linguagem: relações locais*. Tese (Doutorado) - Unicamp, Campinas, 1999. (capítulo 4)
- _____. O tempo sou eu quando fico grande. *Cadernos de Estudos Lingüísticos*, v. 38, p. 51-58, 2000.
- LORENZO, Guillermo; LONGA, Victor M. Minimizing the genes for grammar. The minimalist program as a biological framework for the study of language. *Lingua* 113, p. 643-657, 2003.
- SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de Lingüística geral*. Tradução de: Antônio Chelini et al. São Paulo: Cultrix. 1970. (Título original, 1916)
- SOBEL, D. *A filha de Galileu: um relato bibliográfico de ciência, fé e amor*. São Paulo: Cia das Letras, 2000.

Submetido em: 04/09/2007.

Aceito em: 10/08/2009.